



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Galato do Pôrto—Paço de Sousa  
Vales do Correio para Cete

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvaros—R. Santa Catarina, 628—Pôrto  
Visto pela Comissão de Censura

## DOCTRINA SOCIAL

Mais o relato do que foi a palestra daquele dia a um dos postos emissores. E' sempre a mesma coisa; o veneno vem na cauda: PEÇO AO PORTO QUE ME AJUDE. São as derradeiras palavras. Já assim foi há dias em Setubal e uma vez na Covilhã. Anuncia-se a «Conferência». Vai-se escutar o «Conferente» e sai um pobre de pedir!

Ouvintes desta hora e deste posto emissor, não vos trago novidades ao falar da Casa do Gaiato do Pôrto, sobejamente conhecida em todo o nosso Império, mas sim quero dizer quanto temos feito na Obra, desde o ano passado, data em que aqui viemos dar notícias.

A nossa comunidade em Paço de Sousa, já é composta por mais de cem rapazes, que foram ontem vadios da pedincha e encontram-se hoje felizes, no góso da sua herança. Temos três escolas em pleno funcionamento, sendo duas durante o dia e uma de noite, para os nossos que teem obrigações nos trabalhos agrícolas.

Os nossos professores são ao mesmo tempo educadores e vivem na comunidade. Habitamos desde há pouco tempo as casas novas da nossa grande ALDEIA e o lixo humano que ontem era das entulheiras, aprecia hoje a beleza das suas vivendas, onde há camas feitas de lavado e jarras de flores nas mesas, tudo obra deles. Ninguém diga que há luxo nas casas da nossa «aldeia». Há mas é beleza. Sem beleza não se pode educar. O belo é fundamento de uma solida educação. A nossa quinta está em plena cultura. Os prados são verdes e pujantes. As vacas leiteiras são alegria e alimento. Os pequeninos vibram, quando nasce um vitellino, um cordeiro, leitões, coelhos. E gostam muito de tomar à sua conta o cuidado das capoeiras e dos pin-

tinhos. E' a vida a comunicar-se à vida. E' fonte de transformações que se operam hora a hora na alma destes que foram farrapos. E' um erro supor-se que a educação dos rapazes da rua está toda nos compendios e nos metodos. Não está não senhor. Está na vida plena, no contacto directo com as coisas da natureza, escada por onde se sobe até Deus. Uma simples espiga de milho, um fruto pendente, um canteiro de flores, um nenúncio regato, coisas estas que nunca viram, são agora págnas que os ilustram. Tudo isto é a nossa aldeia. Isto é a nossa vida. Isto, o nosso metodo.

Também hão-de gostar de ouvir que já estamos instalados na rua de D. João IV 682, nesta cidade do Pôrto. E' a nossa sucursal. E' destinada aos deles que fizeram o seu noviciado nas casas de campo e estão aptos agora a pisar as ruas. Trabalham de dia nas fábricas e escritórios e à noite, frequentam as escolas. Segue-se ali o mesmo sistema que temos implantado nas casas de Paço de Sousa e de Miranda: é obra de rapa-

zes, para rapazes, pelos rapazes. E' ele que comanda.

Temos, ainda, o nosso jornal que sai todos os quinze dias com grande aceitação do mundo. O Gaiato, como o jornal se chama, é a menina dos olhos de todos os nossos. São eles que o vendem no Pôrto e Coimbra e Figueira e Braga e mais vilas de Portugal. Há três cronistas que ali escrevem, na sua graciosa maneira de ver e de compreender os vícios. São eles, ainda, que o despacham para a estação do correio. Os rapazes sabem e sentem que tudo é deles, e daqui nasce que a tudo chamam nosso.

Vamos principiar o edificio das escolas, feito de raiz para esse fim. E' preciso incutir nestes rapazes tedio pela desgraça que é o não saber ler. E' necessario que eles compreendam e vejam nisso um verdadeiro aleijão. Para isso, não nos poupamos a sacrificios. Vamos lançar a primeira pedra do edificio. Custa algumas dezenas de contos. Mais custa à vergonha do analfabetismo. Espero que o Pôrto me ajude.

## JUSTOS CLAMORES

Tinha-se rogado a meia duzia de entre os operários que trabalham na ALDEIA, que fizessem algumas horas extra tempo com o fim de abreviar uns serviços. Eram carpinteiros. Deu-se-lhes a ceia Carlos e Constantino, que são os nossos cozinheiros, quizeram servir. Era caldo de cebola, massa e arroz. Boroa à vontade e uma infusa de vinho. Comeram e comeram e comeram. Eu quiz saber do segrêdo do nosso caldo.

—E' muito bem adubado, disseram.  
—Mas não é nada especial, disse eu.  
—E' muito bem adubado. Nós em casa não temos adubo. O azeite não dá para nada. Nunca se come um caldo assim!

São trabalhadores de 9 e mais horas por dia. Ele é costume ralhar-se de todos e de tudo, quando falta o pão, mas nunca se chega a saber aonde está a razão. Em vez de falar, é melhor fazer.

Se estes trabalhadores com a sua jórna assegurada, não tem caldo adubado, que seria sem ela?! Por isso me não atrevo a despedir nenhum. Trabalham nas nossas obras, desde Maio de 1943, uns cento e vinte homens, todos destas redondezas. Quando me dão insónias e com elas, o mêdo que me falte o dinheiro, eu sinto no meu estomago o "caldo mal adubado" com que esta gente se engana, e vou por aí abaixo pedir adubo. Despedi-los, havendo trabalho para eles, nunca. São meus irmãos. Eu também não gostaria que me despedissem. Não falo; não falta quem o faça. Faço, que há menos quem.

## Na caixa do correio



Eis uma cartinha de ternura, que se retirou. Dizia no envelope «Casa do Gaiato» trazia as letras P. M. P. Foi o próprio que o lançou na caixa.

Um grupo de meninos desta rua de D. João IV, resolvem cantar, ao dia e Ano Bom, as «Janeiras», e assim, obtiveram das pessoas grandes de sua família, na sua totalidade, para os "pequenos", que a «Casa do Gaiato», da sua rua abriga carinhosamente no seu seio.  
«O Grupo cantor do dia 1».

A carta é irrepreensível quanto à forma. A pontuação, exacta. A letra, boa de lêr. Assim escrevesse eu! Mas o que sobremaneira interessa é o que ela narra. A creança é admirável! Vive. Sente. Quere dar-se. Esta carta há-de ser lida e comentada em comunidade. Havemos de explicar a estes nossos, por palavras ao seu alcance, que a categoria social não quere dizer afastamento. E se não é ver como o «cantor das janeiras» está tão próximo de nós, sendo altos pela sua categoria.

Caixas do correio à porta, são, por vezes, lugares sagrados, onde almas entregam seus votos. A nossa é assim.

Em Março de 1920, faleceu no hospital do Carmo um sacerdote, que levou uma vida inteira ocupado em distribuir, esquecido de si mesmo. Foi apanhado pela doença, sem vintem. Esteve uns meses de cama naquela casa de saúde.

A caixa do correio, à porta do sacerdote pobre, foi o lugar onde as contas se saldaram. Pagou-se tudo, funeral inclusivé, e sobrou um conto e seiscentos mil reis, como naquêlo tempo se dizia e era. «Olha as aves do céu, que não semeiam nem tecem e o Pai Celeste dá-lhes de comer; vós sois mais do que passarinhos!»

Não basta esta promessa?

## CARTA DA OBRA DO ARDINA

Lisboa, Calçada da Glória, 39

**Q**UERERIAMOS viver em plena Idade Média, para podermos ir gritar (que o Senhor não nos concedeu voz maviosa) de castelo, em castelo, de terra, em terra, as alegrias e tristezas da «Obra do Ardina», a ver se despertávamos mais generosidades para com o ardina e a sua Obra!... Mas, como estamos em pleno Século XX, e de caneta em punho, a escrever para o jornal de obra irmã e amiga, limitamo-nos a dizer-te, na melhor prosa que soubermos, as alegrias e as tristezas que nos vão na alma.

As alegrias irão primeiro, porque, graças a Deus, são elas que ocupam melhor lugar, já se sabe.

Telefonou-nos uma semana destas o ex-patrão do João Pereira (que deixou o emprego, para vir tomar na Calçada da Glória o lugar, que o António largará breve para ir como cosinheiro para a 2.ª «Casa do Ardina») «*quere mais rapazes como o João Pereira!*...»

A seguir, a poucos dias de intervalo, um recado do patrão do Manuel Mendes: «*se podíamos indicar o nome de outro, para a primeira vaga a haver na casa, pois só ardinas lhe servem!*...»

E por fim, poucos dias depois, o patrão do José Aleixo e do José Francisco telefona para casa da família de sangue, que à pobre família ardina, ainda não chegou, infelizmente tal benefício. O que «*Há uma nova vaga, e como os rapazes que cá estão, teem agrado muito, gostava de saber se tem mais algum nas condições.*»

Se tínhamos!... Foi logo o nosso Adelino Marques, a quem confiaríamos ouro em pó, sem nos darmos ao trabalho de o pesar, nem antes, nem depois...

Três anos de vida tem a «Obra do Ardina», e tantas consolações e certezas já nos dá e a quantos com ela lidam! Graças a Deus por tudo, tudo!... Ainda neste Natal, ao contarmos os donativos que nos deram, com os nossos ardinas ao lado, pensamos no espanto, na estranheza mesmo, que deve ter causado em muita gente, os pagamentos e os recebimentos (alguns de contos de reis) terem sido quasi todos feitos pelos ardinas. Gostamos de mostrar ao ardina, e a quantos lidam com êle, a confiança que já depositamos em alguns d'êles, graças a Deus! Faz-lhes bem e sentimos que assim êles fazem bem à sociedade que tanto precisa de estímulos destes.

E chegamos à altura de narrar as tristezas...

A dar graças a Deus pelas consolações recebidas e... dadas, já nem temos coragem para falar em coisas tristes.

—Não pudemos ainda abrir a 2.ª «Casa do Ardina» na R. Dr. Oliveira Ramos 7, onde temas tudo já pronto para receber até 80 ardinas, porque... ainda não nos apareceu uma alma generosa que nos garanta ao menos o almoço dos rapazes! Não será loucura irmos abrir a 2.ª «Casa do Ardina», quando o que temos não chega nem para o sustento duma?!... Apenas temos 800\$ mensais de receita!...

Pois — se demoras muito, leitor amigo, com a tua generosidade,

## Assinaturas pagas

Umbelina Cerqueira Araujo, 50\$; Pôrto. Aurélio da Costa Babo, Marco de Canavezes, 20\$; Maria de Lourdes Mendes Faria, Viseu, 20\$; J. Ferreira de Alpoim, Sinfães, 100\$; Margarida Pinto S. A. e Albuquerque, Oliveira do Conde, 50\$; Staël Giraldes, 25\$; Octávio Correia de Sousa, 20\$; Dr. Manuel de Paula Pinto, 40\$. Todos da Foz do Douro; Carmen de Seabra Ferr. ira Neves, Aveiro, 20\$; Maria Amélia da Silva, Aveiro, 20\$; Manuel Pinto do Couto, Granja, 50\$; Tenente Emiliano de Vasconcelos, Beira (Africa), 20\$; Laura de Castro Carrão, Espinho, 50\$; Malvina Melo Pato, Pala, 20\$; Manuel Teixeira Correia Alijó, 20\$; José Sobreiro, Torres Vedras, 24\$; P.º Américo de Abreu Duarte, Mortágua, 20\$; Delfina Santana Carlos, Setúbal, 25\$; Lina Santos, Montemor-o-Velho, 100\$; Constâncio Pereira de Almeida, Vila Real, 30\$.

Eng.º Alfredo Maia Pereira, 50\$; Dr. Frederico da Costa Conde, 25\$; Mariana Carrico Goulão, 50\$; Joaquim Martins Bispo, 25\$; Dr. Fernando Matos Pinto, 50\$; Manuel dos Santos Costa, 25\$. Todos de Castelo Branco.

Maria Amélia Fialho, Freiria, 20\$; Dr. Manuel Lema Monteiro; Gondomar, 30\$; Dr. Francisco José Portal e Silva, S. João da Madeira, 50\$; António Bonifácio Gomes Soares Leite, S. João da Madeira, 20\$; Juventude Agrária Feminina de Tondela, 5\$; Albino Honorato da Silveira Sepúlveda, 30\$; José Pereira Bernardino, 50\$; Viriato Marques de Abreu, 20\$; João Augusto Barral; Rufino Ferreira de Carvalho, Peniche, 12\$; Mapril Fonseca, Paúl, 20\$; Maria de Lourdes Salgueiro Tavares, Mação, 20\$; António Pedro Carneiro de Almeida, Portimão, 100\$; José de Vasconcelos, Algés, 50\$; Abade de Freixo de Cima, Alto da Lixa, 25\$; D. António Aranha, Régua, 50\$; José Pais Neto, Penafiel, 20\$; Maria Antonieta N. Lopes Aleixo, Cabeção, 500\$; Orlando Augusto Martins, Rebordãos, 25\$; Francisco Joaquim Fernandes Rilom, 25\$; Maria Saraiva de Aguiar, 25\$; Maria Heloisa de Almeida Cautela, 25\$; Maria de S. José Moura, 25\$; Adélia Augusta Saraiva, 25\$; Alice de Jesus Saraiva Pego, 25\$; Maria Vitória Santana Saraiva, 25\$; Maria Adriana Donas Botto Aguiar, 25\$; Mário Pacheco, 25\$. Todos de Vila N. de Foscoa.

Maria dos Prazeres de Castilho de Morais Sarmento, Almendra, 30\$; Prof. José João da Fonseca, Lagos da Beira, 30\$.

## Pão dos pobres

E' o livro do Padre Américo que deve ser lido por todos.

estamos prontos a fazer essa loucura!...

Teremos as duas «Casas» abertas um, dois, três meses, e veremos assim, de perto, se és capaz de deixar perder os ardinas, em lugar de nos ajudares a salvá-los. Nós faremos tudo o que é humanamente possível, a tua consciência fará o resto, estamos certas...

MARIA LUISA.

## O SEU AO SEU DONO

Peixoto Alves, de Cimo de Vila, executou o fogão da nossa Aldeia. Veio cá um empregado da Casa, em primeiro lugar, tomar alturas da cozinha, fazer a planta, dar orçamento. Ajustou-se por 39 contos. Já paguei a factura. Mas não chega; falta dizer que o fogão é perfeito. Os cozinheiros, não se fartam de o gabar. *Gasta pouca lenha*, dizem. Tratam-no com devoção, pelas suas qualidades. Os pequeninos que dormem na Casa-Mãe, nestas noites de inverno, vão todos para ao pé d'êlo: *ai que quentinho!*

Tenho ouvido dizer que os operários que ali trabalham, não gostam dos padres e tudo o mais que costuma vir atrás. Já me constava isso mesmo, antes de me entender com a Firma e por isso me entendi com a Firma.

A massa dos trabalhadores, em regra, ama a Igreja; nunca se lhes ouve atacar os seus fundamentos. De nós, padres, sim, fala. Eles teem intuição. Queriam vêr no sacerdote o homem de Deus!

De uma vez, nas ruas de Coimbra, quedei ao pé de um homem prostrado e fiz-lhe o que gostaria me fizessem a mim em idênticas circunstâncias. Passavam operários para os seus trabalhos. De um grupo ouviu-se uma voz: *este padre é que havia de ser o Papa!* Ouvem dizer que o Papa é a pessoa mais alta da Igreja. No seu entender, pessoa alta, é aquela que se abaixa. *Deus abate os altos*, dizem. *Este havia de ser o Papa!*

## Extratos de correspondencia

«Aproveito esta oportunidade para lhe dizer do coração, que o jornal é admirável. O que êle tem feito e da forma como o tem feito!» E a carta va assim, de fio-a-pavio, em crescentes afirmativas, puxadas do coração de um homem do Pôrto.

Outra carta, também do Pôrto, diz que «o jornal é uma enorme força; é um facho que ilumina mesmo aquelas almas que permanecem na penumbra». E vai neste teor, a cobrir duas folhas de papel branco. «*Devo-lhe o bem de me incutir desejo de ser melhor.*»

Outra ainda, da Beira Baixa, diz do mesmo periodico: «*Ninguem o lê cá em casa. Peço o favor de não tornar a mandar.*» Ora toma!

## INFORMAÇÃO ÚTIL

Sei que estão a fazer uma toalha de linho para o altar da nossa capela. Deve ter 3,20 de comprimento por 0,90 de largura. A pedra do altar mede 2 metros, mas devem cair 0,60 por lado. Não desejo que tenha renda, para não encobrir a magestade das 4 colunas de granito sôbre as quais assenta a magestosa pedra. Pode ter, quando muito a bainha aberta, ou, ainda, um pequenino friso ou recorte, mas rendas — não.

A toalha que me vão oferecer, não impede que outros ofereçam outra. Duas, não são de mais. Agradeço.

## Do que nós NECESSITAMOS

Escovas de dentes. Escovas de dentes. Manda hoje uma.

Mais 200\$ de Lisboa. Mais 3 contos de Lisboa. Mais 1.500\$ de Lisboa. Lisboa está perdida! Mais mil escudos do Pôrto. Mais das mãos do Dr. Correia Pinto, que um anonimo lhe dera, outros mil escudos. Mais 310\$, nos Congregados, das mãos do Reitor. Aquela Fabrica de Malhas da Boa Vista deu sinal. Fui lá mai-lo Dr. João da Farmácia da Boa Vista. E' na rua dos Vanzellers. *Sim senhor; as peças que quizer levar. Cores e tudo a seu gosto.* E como se isto fôra pouco, um convite para jantar, e *venha daí no automovel até à Praça, e quando necessitar de alguma peça de malha para seu uso, apite.*

Mais um carro que passa e uma voz que vem de dentro: *P.º Américo.* Aproximei-me. Era *uma valente espada*, como diriam os nossos rapazes. O Senhor pergunta-me se eu quero que êle me leve algures. Não quiz e agradei. Foi então que ele rapou da carteira e me deu 500\$. Não sei quem êle é. Nem sequer lhe vi o rosto. Notei que uma Senhora, espôsa, com certeza, o acompanhava, testemunha participante da esmola. Retirei-me e o carro prosseguiu. Era quasi noite.

Mergulhei no turbilhão daquela hora a desejar, em prece fervorosa, que o nosso Bom Deus me deparasse alguém com quem repartir, e deparou!

Não devia ser assim. Primeiro os de casa. Os que estão à nossa conta. Os que esperam o biscato, quais passarilhos no ninho. Assim é que devia ser, segundo as regras da prudencia. Mas não. Não sei que me dá no peito quando tenho muito que dar. Esqueço-me dos que estão abrigados para acudir aos sem abrigo!

Mais um jantar muito fidalgo em casa de família amiga. Mais a jornada a Elvas e dali a Lisboa. Foi comigo o Amadeu. Fomos em serviço do nosso jornal, com pouca felicidade!... Já contava. Sabia que a cidade de Elvas é terra de gente de fortuna, e isso basta.

Como muito bem dizia aquêlo moço Engenheiro em uma carta ultimamente aqui publicada, é muito difícil aos bem herdados, sentir a penúria dos seus irmãos pobres. *Mais facil é entrar um camêlo pelo fundo de uma agulha!*

A palestra durou uma hora. O Amadeu Elvas, foi colocado à porta de saída, com as algibeiras do seu pequenino sobretudo às ordens de toda a gente. Ele era ali o legitimo representante dos que ficaram em casa; a testemunha da nossa obra. Assistiram, ao que ouvi dizer, algumas fortunas importantes. Pois bem. Contamos o dinheiro. *Tão pouco*, exclamou o rapaz, afeito aos ares do Norte! Tres notas de cem, duas das quais se soube terem sido lançadas por dois sacerdotes pobres; e o resto — quasi nada!

*Quam difficil*, não é aos ricos compreender a verdadeira função das suas riquezas! Onde falta a consciencia, tem de vir a lei.

Mais 50\$ do Pôrto. Mais do António e da Francelina, um peditário que fizeram em sua casa, entre pessoas de família, no dia do Ano Bom, 40\$. Mais de visitantes 500\$ e 500\$ e 20\$ e 20\$ e 100\$ e 100\$. Mais 500\$ do Porto. Mais aqueles 20\$ que se repetem vezes sem conta. Mais 50 litros de azeite de Tomar.

## NOTÍCIAS DA CASA DE MIRANDA

### Cantinho dos Rapazes

### MIRANTE DE COIMBRA

## LEITÃO DO JORNAL

**O** Bucha é que costuma ir comprar o peixe e a carne. Há dias, teve nma grande desgraça: perdeu 50\$00 que levava. Começou a gritar na vila que até metia dó. O Sr. chefe dos correios deu uma volta com ele a ver se os encontrava. Como não aparecia nada, aquêlê senhor puxou por 50\$00 e deu-lhos. Já por outras vezes êle tem-se mostrado nosso amigo, vendendo o livro do Pão dos pobres, e pondo uma caixa para recolher esmolas para a casa. O Bucha voltou todo contente mas agora tem de ter mais cautela.

**O**S rapazes da vila de Miranda invadiram o nosso campo a pedir para jogarem connosco. O Sr. Padre Adriano, como êles disseram que se davam ao respeito deixou jogar um bocado. A poucos minutos do principio do jôgo, com um passe do Velha para o Lisboa, êste fez a primeira bola da Vitória. O jôgo demorou pouco tempo porque tínhamos as nossas obrigações.

**U**M rapazito que já cá esteve há dois anos, arreliou o Sr. Padre Américo a pedir para se ir embora para a casa da avó. Agora escreveu uma carta ao Sr. Padre Américo e que nós ouvimos ler. Diz que está muito arrependido por se ir embora, porque nessa altura não sabia o que fazia, só agora é que êle soube o êrro que fez, e se a avó morresse, que ficava sem família alguma e para o senhor Padre Américo ter pena dêle que nunca se tornava a ir embora. Também está um rapazito na cadeia da Covilhã à espera de vir para cá. O Sr. Padre Adriano já perguntou algumas vezes se há algum de nós que se queira ir embora para dar lugar a êstes, mas não há ninguém que queira sair.

**O**povo do lugar ofereceu muitas prendas para o Menino Jesus do nosso presépio. Ontem fez-se o leilão delas. Só um prato com dois ovos e 6 tangerinas chegou a vender-se por 70\$60. Era vendido, tornavam-no a oferecer para ser de novo vendido outra vez. Havia uns poucos de alqueires de batata, e alguns litros de azeite e algumas centenas de laranjas, filhós, e vinho. Os homens do lugar quando viam o vinho a luzir começavam a oferecer mais dinheiro com mais entusiasmo.

**O** Camilo quando conversa tem uma linguagem atestada. Há dias contou que na terra dêle, andavam a fazer uma casa muito grande que era para um orfiengo (Orfeão).

**O**Sérgio estava a jantar quando «O Gaiato» chegou. Começou logo a lê-lo com todo o entusiasmo. Mas ao levantar a cabeça já não tinha no prato carne nenhuma. O Velha que estava ao lado, todo lampeiro, dizia que a não tinha visto!...

**O**Sr. Dr. da Pereira deu-nos 4 carradas de lenha de oliveira para o nosso forno. Outro Sr. deu uma carrada de ramos de pinheiro. O Pedro trouxe da Lousã uma mala cheia de roupa. Em Coimbra há um Sr. que entrega todo o dinheiro que junta numa caixa colocada ao lado duma balança na farmácia dêle. Nós agradecemos tudo o que nos dão.

**A**S 27 nozes que tínhamos já há três anos no aparador foram para as broitas do Natal que distribuímos aos doentes do Hospital. Se houver alguém que queira mandar outras era favor. Era para ver se elas se conservavam tanto tempo. Agora temos uma laranjeirinha à frente da porta que deu 50 laranjas só se comeram as que o vento deitou ao chão. Ainda tem 13 Vamos a ver se nenhum dos gaiatos lhe toca!

**A** NDA cá o tesorelho em casa. O Bucha disse que estava na cama com tesoura. Chegou um miúdo de Coimbra a quem chamamos Zé-quitola. Logo

*Meus filhos: E' com grande satisfação e muita alegria que vemos ser cada vez menor o número dos rapazes que fogem da nossa Casa. Já há muito tempo que nenhum nos deu essa grande picada no coração.*

*Eles não sabem o que fazem, mas sabemos nós que a fuga é sempre para seu mal e é justamente por isso que nos faz doer tanto.*

*Quando algum de vós experimentar a tentação de fugir lembre-se antes de o fazer, das cartas que nos escrevem a pedir novamente entrada, alguns dos que fugiram. Veio agora uma de Tomar, do Fernando Cid, a pedir para voltar mas não pode ser. Andou por lá mais de um ano e já está muito grande.*

*Ele mesmo confessa que agora é que está a conhecer o mal que fez. Ora muito bem. Que te sirva de exemplo o que escreve o Fernando.*

*Mas tens outro exemplo dos trabalhos que passam lá fora os que saem de cá sem a nossa protecção; é o Camilo da Povoia de Varzim. Ele foi-se embora de cá instigado pela Mãe. Tantos trabalhos passou, que foi dar à nossa Casa de Miranda, com medo de que a Mãe o tentasse outra vez, se ficasse em Paço-de-Sousa por ser mais perto da Povoia.*

*Eu nem quero que a minha Mãe saiba de mim, foi o que êle me disse há dias, quando estive em Miranda. Ora já vês que quem assim fala é porque achou que a vida lhe foi muito dura, enquanto por lá andou. Mais um exemplo para cada um de vós.*

*Se algum se encontrar mal, aproxime-se de mim com muita confiança. Nós temos cá em casa remédio para tudo e tôdos.*

*Lá fora, nas ruas e nos caminhos, não há remédio nenhum para ninguém.*

*Nem a vossa família, se algum de vós a tem, vos pode fazer melhor do que nós aqui vos fazemos. A Mãe do Camilo enganou-se e também enganou o filho. Não foi por mal. Se eu soubesse que os vossos Pais estavam em condições de vos amparar, seria o primero a ir a casa deles e entregar o filho. Porquê? porque só quero o vosso bem.*

*Fomos há dias a Elvas, eu e o nosso Amadeu. A Mãe dele, doente e viúva, quiz acompanhar o filho à estação do comboio. Bem pena tive eu de lho não deixar!*

*Ele é filho e ela é uma boa Mãe. Merece-o. Mas quê? Viúva, pobre, doente; que bem lhe poderá fazer? Por isso mesmo, o trouxe para que seja um homem debaixo da nossa bandeira. Ora aqui é que está.*

*ao primeiro dia deu uma carga de pancada no Sancho e depois veio se gabar: aquêlê miúdo meteu-se comigo mas eu dei-lhe um borracho que o chapêi no chão. O Rui veio logo dizer que o novo degeu uma asneira.*

**O**Rui e o Tónio foram comprar rebuçados com dinheiro que lhe deu o Sr. Joaquim. Perguntaram-lhe que é que o homem disse? — disse para voltarmos outra vez amanhã. Olha os lambareiros!

Nada peço, ainda hoje, para os nossos Gaiatos de Miranda. Não é que êles não precisem (cincoenta bôcas não se tapam com dez reis de mel coado) mas, é que êle há clamores que chegam até nós tão aflitivos, que conseguem abafar por momentos a voz dos pequeninos que pedem pão. Trata-se duma família inválida, de quatro pessoas, que vive (vive!) do salário duma pobre rapariga: oito escudos!

Ao voltar do trabalho era ela que fazia o caldo e o distribuía pelos irmãos—é para vós que precisam mais; eu... não tenho apetite.

Já nas Colónias de Férias do passado verão, era frequente vê-la chorar ao sentar-se à mesa.

—Que tem, meninal—preguntaram as companheiras.

—Não é nada. Um dia insistiram.—E' que eu vejo aqui tanta fartura! e lá em minha casa...

Mas a tragédia começou agora. Uma golfada de sangue veio pôr termo ao trabalho e ao sustento daquela casa. E lá está, no hospital, a sofrer mais com as privações dos seus, que com os próprios males.

Bem dizia eu que por detrás desta palavra Pobreza se escondem, por vezes, vidas heróicas que espantam e envergonham o mundo egoísta. O heroísmo desta operária que morre lentamente à fome para sustentar os seus!

Morrer à fome nesta cidade da ciência... E' caso para repetir como o procônsul: Paulo, as muitas letras transtornam-te. E o progresso que continua a esmagar sob a sua roda vertiginosa e inconsciente, os mais infelizes mortais.

E não choras tu, deante da tua fartura, ao lembrar-te dêstes que nada têm?

P.º Adriano.

### Crónica da nossa Aldeia

por José Eduardo

#### Pobres de Cristo

Os nossos pobres continuam a receber a sua esmola. Quando lha entregamos desfizem-se em agradecimentos a nós e ao Sr. P.º Américo.

O de S. Lourenço já nem se pode levantar da cama. Fômos lá ver do que êle precisava. Ele disse que não precisava de nada, mas nós bem vimos o que êle necessitava. Precisa da cama a qual lha vamos mandar, porque está a dormir no chão, e precisa também muito, de roupa para vestir e para a cama. O de Bairros está quasi na mesma. Já está muito acabado e não dura muito tempo.

A Glorinha tem estado muito doente. Quando cá veio buscar a esmola admirou muito as nossas tronxudas e pediu-nos uma. Demos-lha e ela ficou muito contente porque não tinha nada para fazer o caldo. Peço muito aos queridos amigos e leitores do jornal para que não deixem de socorrer esta Conferência Vicentina para ajudarmos cada vez mais pobres dos mais necessitados desta freguesia de Paço de Sousa.

O Zé Sá estreou-se.

O Zé Sá é nosso há um ano. Natural de Braga, tinha residência no Pôrto, quando foi dar a Paço-de-Sousa. Tem qualidades. Já foi chefe, mas um dia levou uma valente sova de um seu subdito e perdeu o bastão. Tem tido varios officios. Actualmente é o da hortalica. Todos os dias colhe nas hortas o que lhe chama, segundo instruções dos cozinheiros. Costuma imitar, com muita graça os molhos das vendedeiras e assim traz para a cozinha, em grandes cestos a hortalica do dia. Chega, pausa e diz o preço!

Zé Sá, ou o Zé da horta como a malta lhe chama, fez um figurão. Descobriu a América no Pôrto! Nunca ninguém tal fez; meteu-se nos edificios dos Correios e despachou um mundo de «Gaiatos»—aquilo era tudo assim, exclamava êle, ao dar-me conta. E fazia dos dedos da mão uma pinha—tudo assim!

—Um senhor lá dentro perguntou-me se o Celso ainda fazia... na cama!

—E tu que disseste?

—Eu cá disse que sim!

Por onde se vê que a nossa vida anda muito assoalhada!

Perdi por quatro, foi a noticia que me deu o Oscar, ao chegar a casa. Por 4 «Gaiatos» que não tornava a empatar com o Elvas!

unhas e dentes, sim, mas a camisola amarela ainda vai às costas do campeão—o Amadeu.

Compradores e vendedores, na cidade do Pôrto, não desmereceram em nada das mais vezes. Tudo no seu lugar. Viva o Pôrto.

Para Braga, despacharam-se Oscar, Piolho (é o Fernando) Avelino e Zé Sá. Venderam uns 400 números. O Zé Sá encontrou gente de família. Foi comer mais o Avelino a casa de uns Senhores, como êles costumam designar as famílias que os recebem. Quiz-me dizer o que comeram. Foi batatas e carne e arroz e cenouras e chouriço e vinho e pão e geleia e creme e café e tangerinas.

—Isso não pode ser, disse-lhe eu!

—Pode perguntar ao Avelino.

O Zé Sá retirou-se para voltar daí a minutos:

—Olhe; também foi couve penca.

Ora isto vai muito fóra das regras severas do prato único. Nem no banquete oferecido na Côrte da Inglaterra aos Ministros das Nações Unidas. Ali, segundo os jornais do dia, foi lagôsta e perú e mais nada.

O Oscar, também quiz contar.

—Então que foi?

—Foi em casa de uns senhores. Era eu e o Piolho.

—Mas que é que comeram?

—Era caldo e um prato de coisas misturadas.

—?!

—Era carne e p'ra lá um rôr de coisas e pão com marmelada.

De onde se conclue que na cidade de Braga, não há racionamento!

Parêdes, muito bem. Um senhor da vila deu-nos uma bola. Viva o povo de Parêdes!

# ISTO É A CASA DO GAIATO

**E**STE titulo, vem substituir o *Noticias Diversas* que era até à data a fonte de informações da nossa grande *desordem*. A qual *desordem* continua e as notícias delas também. Ora oçam: O *Pretita* já aqui tem vindo algumas vezes. E' o mais pequenino dos três *Pretas* que vivem na *aldeia*. São irmãos. Muito pequenino, basta-se, realiza-se. Nunca foi necessário vesti-lo, nem lavá-lo, nem fazer a cama, nem sentá-lo à mesa. Não pede nada nem recusa nada. Quando cá viéres, pergunta pelo *Pretita*, para que vejas o que se não pode descrever! *Pretita* gosta de carinhos. Morre por um beijo. Quere amar. Pois muito bem. Já há muito que uma velhinha do lugar, vem comer do nosso caldo, ao meio dia. Sucede que a antiga casa do convento, tinha as portas da cozinha perto das do caminho, e a velhinha, quasi cega, vinha pelo seu pé, sentar-se à espera do jantar. Mas agora moramos em cima, na *Aldeia*. Uma avenida de 300 metros, separa-nos da porta de entrada.

Quem será um pequenino muito tri-gueiro, muito simpático, que traz a ceguinha pela mão, a conversar ternuras avenida em fóra—os dois extremos de vida tão juntinhos—quem será? E' o nosso *Pretita*! O *Pretita* quere amar. Ontem, nas ruas, também queria, mas não tinha a quem! Se todos o aborreciam, a quem havia de amar? Hoje sentindo-se amado, a quem há-de aborrecer?! Isto é a Casa do Gaiato!

**N**INGUEM sabia dar conta do *Bucha*. Onde estará o *Bucha*? Fugido?! Não senhor; adormeceu dentro de um caixote, na antiga carpintaria!

**A**GORA sim senhor, que tenho gabinete de trabalho; novas instalações assim o permitem. O Elvas veio cá dar um recado e como visse o jornal sobre a mesa, pediu-mo, para ver o relato. Era uma segunda-feira. Já tinham escutado ontem, no Rádio, mas agora ver as figuras, era tudo.

—Olhá que eu ainda não li. Não o percas.

—Deixe; não há azar!

**D**EIXAMOS neste numero do jornal um voto de louvor a cada um dos três que mais se distinguiram nos trabalhos da mudança da antiga residência para a nova *aldeia*.

Foram eles o Constantino, cozinheiro-chefe. O Amadeu Elvas, refeitoreiro-chefe e o Zé Maria, pau-pra-toda-a colher numero um;—os *Três grandes*, como é moda dizer-se hoje.

**V**ELO agora mesmo aqui ao meu lugar de trabalho, o Zé Eduardo, pedir *Mosquitos* para os doentes. Os *doentes*, são três dos nossos mais pequeninos, que estão na enfermaria, por causa das frieiras. O Zé Eduardo quiz visita-los, de mãos cheias. O amor transborda. Quando ele está doente, também gosta que lhe levem coisas e faz aos outros na mesma;—a regra suprema do Evangelho.

Qual é o código do mundo, que em uma frase tão simples encerre tanta verdade,—qual?

**Q**UANDO daquela minha doença muito falada, um dos nossos pequenos foi levar ao meu quarto, num pequenino taboleiro, uma merenda de chá. Colocou a mesinha de doentes sobre a cama, a jeito; lançou o chá, contou coisas. Eu escutava desvanecido e disse ao pequenino, como que a tentá-lo: *Sabes? Não tenho amigos cá em casa!*

A creança fita com os seus inocentes, os meus olhos pecadores e replica: *Tem sim senhor. Tem cá 96 amigos*. Tantos eram os rapazes naquela data! Pode muito bem acontecer vir mais tarde o Mundo e roubar à creança a sua natural generosidade. Pode, sim. Mas por ora, não. Aquela afirmação saiu da alma: *tem cá 96 amigos*.

De uma vez, seguia pelas ruas de Coimbra, na companhia do Pai, um rapaz que tinha feito duas temporadas de *colônias de campo* conosco, antes da organização das *Casas do Gaiato*. Notei que o Pai fazia violência e puxava, desesperado, as mangas do filho.

—Que era aquilo, Miguel?

—E' o meu Pai que me não queria deixar vir.

O Miguel tomou nas suas as minhas mãos, também pecadoras; beijou-as e regressou muito depressa. Pode ser que mais tarde venham os inimigos da alma e conquistem este rapaz, mas daquela vez —nem o Pai!

O Pai do Miguel, é caixeiro viajante. Para estes, em regra, o padre é mau car-taz. Os tipógrafos, também. Uns, por muitas terras que andam. Outros, muitas letras que juntam e todos formidáveis em discutir aquelas coisas que ignoram!

**H**A muito tempo, mesmo muito tempo, que se não regista um caso de deserção. Os que chegam ficam.

**C**HEGARAM hoje mobílias. Era uma camionete do Costa Ramos abarrotada. Logo se tratou de retirar do refeitório os cacos que estavam, para dar vez ao resplendor que chegou. A noite, a luz a dar nos espelhos, levantou o ânimo da malta.

*Agora sim*, dizia o Elvas, enquanto nos servia a ceia. *O Porto é que marca*, grita o Alfredo, que fica num lugar mesmo à beirinha da mesa dos assistentes. Quem nos dera que estas almas que nos oferecem coisas tão uteis, viessem observar quem bem elas não dizem na nossa Casa! E dizem que ainda há muito mais para vir! Eu cá acredito.

**E**U passava e vi. Era o *Palhaço* e o *Pretita* e o Adriano e o Arouca, a repar o tacho, fóra das portas da cozinha. Todos os dias se repete o espectáculo, com outros felizes rapadores. Os cozinheiros já sabem e, antes de mandar a vazilha para a copa, colocam-na, amorosamente, na soleira da porta. O que se come à mesa, no prato, saído daquele mesmo tacho, não presta. O melhor é o do fundo; as rapaduras. De tanto repar, fica o tacho a espelhar!

A's vezes há séria questão. Os da copa quere o tacho para lavar e as palavras ferverem!

## Lar dos ex-Pupilos dos Reformatórios

A seguir damos nota do pequenino relatório do Lar, tal qual foi enviado ao Director Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores, que muito se interessa pela obra e gosta de saber do aproveitamento dos pupilos. Como é sabido dos leitores, o Lar foi creado para iniciar os rapazes que saem dos Reformatórios e é obra de carácter meramente particular.

Eis o que se disse:

A população do Lar no princípio do ano, era composta de 26 rapazes, vindos dos vários Estabelecimentos. Durante o ano saíram 6 rapazes, a saber:

Pedro Parra (que foi de Caxias) para a vida militar; Manuel de Carvalho (que foi de Vila Fernando). Casou-se; António da Costa (que foi do Ref. de Coimbra). Casou-se; António Amaral (que foi do mesmo Estabelecimento). Inadaptável; J. Tinoco, faleceu; Guilherme de Almeida, capaz de viver por si.

Durante o ano entraram 7 rapazes, a saber:

António Dias Gouveia, de Vila Fernando; Virgílio Lima Tavares, de S. Fiel; José Baptista Santos, de S. Fiel; António Almeida Boto, de Coimbra; Manuel Figueiredo, de Vila do Conde; José de Oliveira Cosme, de S. Fiel; Manuel Simões, de Caxias.

A população do Lar no dia 31 de Dezembro, era composta de 27 rapazes. Temos além disso, um assistente religioso, uma governante, uma costureira e dois creados.

**Aproveitamento escolar**—O Filipino, fez o 2.º ano comercial. O Almeida Santos, fez o 3.º. O Luiz Ferraz, fez o 4.º industrial. O José Cosme, fez o 1.º ano de enfermagem. O Herlander, o 6.º do liceu e o Carlos Migueis, o 3.º comercial. Todos estes rapazes, que tão boa conta deram dos seus trabalhos, matricularam-se nos anos seguintes e espera-se deles o mesmo resultado.

Honra lhes seja. Temos também instalado no Lar um Pósto de Ensino Noturno, para que tenham a oportunidade de tirar o diploma da 4.ª classe, aqueles que o não teem.

**Aproveitamento profissional**—Todos os rapazes do Lar teem, em regra, boa aceitação no comércio e na indústria. Quási todos teem salário mínimo.

**Despesas**—Gastamos durante o ano com alimentação, roupas de cama, mobiliário, renda de casa,—131.500\$00. Do Director Geral de Menores recebemos 99.627\$00 e o restante representa as cotas dos rapazes, conforme os seus ordenados o permitem.

**Eleição do Maioral para o ano de 1946**—Teve lugar no dia 2 de Janeiro, conforme as constituições do Lar. Foi eleito por 14 votos o José Pimenta Teles, que foi de S. Fiel. O Herlander teve seis votos. O Luiz Ferraz, teve quatro votos e o Manuel Agostinho, um. O Herlander foi nomeado na ocasião o primeiro conselheiro do Maioral.



José Pimenta Teles

**Notas biográficas do Maioral eleito**—José Pimenta Teles tem 22 anos e viu a luz na cidade de S. Paulo. Era muito pequenino quando veio para Portugal. Entrou na Tutoria de Coimbra em 1935, de onde transitou para o Reforma-

tório de S. Fiel. E' da comunidade do Lar desde 1942. O Teles aprendeu o officio de alfaiate e é esta, hoje, a sua profissão, com o ordenado de 14\$00.

Teve 14 votos e é o chefe eleito para 1946. O Herlander é o seu conselheiro e ambos orientam a vida doméstica. O Maioral pode ser reeleito por mais um termo, segundo as constituições.

Vão-se casar este ano três rapazes do nosso Lar; já andam a fazer ninho. Nós costumamos ajudar, das nossas migalhas, e eles ficam muito contentes porque são pobres. São três vagas para outros. Os Directores dos Reformatórios, quando se trata de pupilos de Coimbra e sem familia, costumam dar um jeito e adiar a saída, até haver cama no Lar. Oxalá houvesse em Lisboa e no Porto um abrigo assim, para os naturais daquelas cidades! E podia haver; eles é que fazem tudo, desde que se lhes dê em responsabilidade. Bastava um sacerdote que quizesse *perder a vida*! Poderíamos conquistar hoje, como faziam dantes os apóstolos;—indo até junto das almas, sem se nos dar da paga. Eles retribuem. Um exemplo: quando o Lar tinha só uns meses de vida, foi-me necessário ir ao Gerês. Reciei. Eles souberam do meu receio e da minha necessidade. Eram onze, ao tempo, *do que há de pior*, como se diz. Pois bem. Prometeram. Instaram: *Vá que não há-de haver azar*. E não houve! Todos os dias tinha carta, a tranquilizar.

Vai haver, ou está a funcionar, segundo creio, uma casa identica ao nosso Lar, em Lisboa, para ra-

parigas. Que bom! Ouvi esta agradável noticia da boca do Doutor Eurico Serra, responsável por estas obras. O Lar é orientado por gente profissional, afeita ao sacrificio. Que bem não faz no mundo a presença de uma mulher honesta! E quantas o não são, por falta de um Lar, à saída dos Reformatórios! Bem haja, Senhor Doutor, pela alegria que me deu, com a noticia.

### ATENÇÃO

E' já no próximo numero de *«O Gaiato»* que se indica a data certa da benção da Capela da nossa Aldeia. Deve ser nos principios de Março. Oxalá tenhamos um dia de sol!

Uma informação certa se pode dar desde já: é que não há convites, mas toda a gente está convidada. A nossa Comunidade gostaria de vêr cá, nesse dia, muitos e muitos dos nossos amigos. Se fôssem todos é que era bom!

Comboio em S. Bento às 8,10 minutos. De Cête a Paço de Sousa, é um tiro. Comboio de regresso às 13, ou às 18,20. Tudo facilidades. Luiz, o Calice. Não nos falte!